

O cavaleiro negro: Arlindo Veiga dos Santos e a Frente Negra Brasileira (1931-1934)

Teresa Malatian*

Resumo. Este artigo aborda as relações entre Catolicismo e política no âmbito da atuação de Arlindo Veiga dos Santos junto à Frente Negra Brasileira, da qual foi fundador e presidente entre 1931 e 1934. Tem como objetivo relacionar a estratégia de recatolização da sociedade brasileira ocorrida durante a Primeira República e os anos 1930, e a organização dos negros num movimento social com fortes conotações autoritárias, apreendidas em sua interface com o movimento patrianovista. Por meio de abordagem biográfica, a análise dos periódicos *Progresso*, *Clarim d'Alvorada* e *A Voz da Raça* permitiu verificar que a atuação de Veiga dos Santos à frente da associação respondeu à polarização ideológica e à luta pela superação do preconceito e discriminação, que pautaram a vida da entidade no período em questão.

Palavras-chave – movimento negro, catolicismo, anticomunismo.

The black paladin : Arlindo Veiga dos Santos and the Frente Negra Brasileira (1931-1934)

Abstract: This article approaches the relationships between Catholicism and politics in the ambit of the Arlindo Veiga dos Santos performance in the Frente Negra Brasileira, as its founder and president between 1931 and 1934. The text intends to relate the recatholization strategy of the Brazilian society happened during the First Republic and the decade of 1930, and the black organization as a social movement with strong authoritarian aspects, understudied on its interface with the patrianovista movement. By a biographical approach, the analysis of the journals *Progresso*, *Clarim d'Alvorada* and *A Voz da Raça* allowed to verify that the Arlindo Veiga dos Santos acting as the association leader answered to the ideological polarization and to the fight for the overcoming and discrimination that have been the guide lines of the entity life during the considered period.

Keywords: black movement, catholicism, anticommunism.

Na década de 1920, a geração de negros surgida após a abolição vivenciava na cidade de São Paulo efervescente questionamento sobre sua inserção social. Como Arlindo Veiga dos Santos, nascido em 1902, quatorze anos após a Lei de Treze de Maio, jovens negros haviam conseguido certa escolarização e alguns alcançaram os estudos universitários num contexto de movimentação das ideias nacionalistas que problematizou sua inserção na nação republicana.

Formaram-se grupos militantes que frequentavam espaços de sociabilidades, e

* Teresa Malatian é docente do Departamento de História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Franca. Endereço eletrônico tmalatian@uol.com.br.

neles Veiga dos Santos teve atuação destacada na mobilização dos negros para uma luta integracionista e defensora de uma nova identidade a ser socialmente construída mediante superação do preconceito e da discriminação. Correntes políticas diversas disputavam espaço entre os militantes.

As sociedades negras existentes em São Paulo haviam sido inicialmente criadas com a finalidade de realizar ações de beneficência e recreação, e para isso promoviam bailes e outras atividades de lazer muito atrativas, como teatro e música. No entanto, foi notória a dificuldade de manutenção de associações beneficentes e de socorro mútuo, pois nelas o apelo a se transformarem em sociedades de bailes era muito forte. Essa característica não impedia que a recreação fosse largamente utilizada para mobilização dos negros para ações integracionistas, discutida e planejada nos bares e cafés paulistanos. O militante José Correia Leite apresentou, em depoimento colhidos nos anos 1980, detalhes dessa sociabilidade que entrava madrugada afora:

Tudo o que surgia de novo se dava nas rodas, nas ruas, nos bares. Às vezes a gente chegava num bar ali pelas oito horas da noite e esquecia o tempo naquelas discussões. Os negros se reuniam ali na Rua Quintino Bocaiúva, Praça da Sé e Praça João Mendes, onde tinha um café chamado Café do Adelino. Muitos se encontravam próximo dos salões de bailes. Havia os que não frequentavam baile, depois que já tinham ideia formada (LEITE, 1992, p. 61).

Poetas, jornalistas, professores, advogados, oradores, toda uma boêmia literária e política em busca de mudanças, lutavam pela criação e manutenção de jornais próprios, mas tinha necessidade também de superar a desconfiança entre letrados e não letrados. Um pequeno grupo havia conseguido ascender socialmente e obtido empregos modestos no serviço público como professores, escriturários, funcionários do serviço postal e juntamente com outros militantes menos escolarizados empreenderam na década de 1920 estratégias de superação das condições de exclusão social.

O associativismo dos negros em São Paulo e suas práticas de sociabilidade no meio urbano, nos espaços de convivência disponibilizados pela cidade, foram de grande relevância nas décadas iniciais do século XX. Buscavam construir uma nova identidade negra e lutar por uma nova inserção na sociedade, no contexto da discussão sobre a modernidade nacional. A tendência dominante foi a assimilacionista por significar para grupos de negros que ascendiam socialmente distanciamento da cultura afro-brasileira e a correspondente incorporação dos valores dominantes na sociedade.

Nesses grupos e espaços de sociabilidades inseriu-se Arlindo Veiga dos Santos

nos anos 1920 e 1930. A valorização da educação formal, a capacidade oratória, os talentos literários e artísticos correspondiam ao protagonismo em jornais, discursos, homenagens a personalidades simbólicas da luta abolicionista em túmulos e hermas. Sua liderança firmara-se pelo ativismo, pela capacidade de organização e pelos dotes oratórios capazes de mobilizar plateias. Sua ambientação nesses grupos foi propiciada pela formação escolar privilegiada, se considerado o meio negro em São Paulo, e que lhe abriu as portas para a atuação jornalística, literária e no magistério. Era autor conhecido nos meios católicos pela colaboração em jornais e escrevia suas primeiras obras literárias: poesias e novelas. Trabalhava na época como secretário da Faculdade de Filosofia de São Paulo e depois como professor do Colégio São Bento.

Nasceu na cidade paulista de Itu, numa família humilde. Por benemerência, seguiu o curso ginásial durante os anos da Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1917, no Colégio São Luís, onde seu pai era cozinheiro. O colégio havia sido fundado nessa cidade em 1867 por jesuítas italianos e sob o patrocínio de São Luís Gonzaga funcionava em regime de internato para meninos filhos de cafeicultores e comerciantes, enfim, membros de uma elite econômica, política, social e cultural.

Sua adolescência foi formada na pedagogia inaciana, desenvolvida no amplo edifício de duplo panóptico que consistia em duas igrejas, salas de aula, laboratórios, torre de observação astronômica, salão de festas e teatro, refeitório, dormitório, além de vasta área de chácara com pomar e horta. O *Ratio Studiorum* codificava o sistema educacional para formar integralmente o homem cristão, atualizado na cultura de seu tempo, com atenção a todas as dimensões do indivíduo, incluindo a afetividade. Seu projeto pedagógico era presidido pela catequese, teoria e prática nele estavam interligados como reflexão e ação. Ação que constituía a meta final do processo educacional voltado para a maior glória de Deus (AMDG).

Os valores da pedagogia inaciana estruturavam-se sobre a disciplina rígida, a obediência aos mestres e o respeito à hierarquia. *Religioni et Bonis Artibus*, o dístico do salão de honra, encimava o palco do Colégio São Luís com o resumo do ensino ali ministrado. Religião e cultura, na educação direcionada para as primeiras letras, ler, escrever e contar, depois ciências e ênfase em Teologia (Sagrada escritura), Filosofia e Humanidades (História e Geografia). O teatro pedagógico, utilizado pela Companhia de Jesus desde o início da colonização para catequese dos índios, era praticado juntamente com a arte da oratória, para “fortalecer a memória, educar a voz, apurar a dicção,

aprimorar os gestos e habituar o jovem a enfrentar o público” (GUIMARÃES, 2008, p. 33). Esta ênfase indica claramente o objetivo de preparação de elites intelectuais e políticas para atuarem na sociedade brasileira uma vez formada nos bancos escolares.

A inculcação de valores se fazia também pela assistência diária às missas, confissões ao menos mensais, proibição de leitura de “livros inconvenientes” caso julgados prejudiciais à honestidade e aos bons costumes. A seriedade e a constância nos estudos baseados na repetição completavam a formação humanística. A educação ali recebida pelo jovem Arlindo marcou-o definitivamente em termos de valores, visão de mundo e projeto de vida, deu-lhe bagagem intelectual e desembaraço para atuar com destaque nos espaços de sociabilidade em que se inseriu já na vida adulta.

O Colégio mantinha uma congregação mariana à qual provavelmente o jovem Arlindo se integrou, pois os jovens com cerca de 11 anos já eram admitidos nas falanges Marianas e nelas recebiam formação complementar. O ingresso na congregação era marcado pela consagração do jovem à Virgem Maria, por toda a sua vida, bem como pelo compromisso de ter uma vida modelar para os outros indivíduos, em busca da pureza e do permanente combate contra o mal. Formavam-se nessas associações leigos preparados para atuar nas falanges prontas a combater pelo Catolicismo. Esta inserção persistiu ao longo da vida de Veiga dos Santos, acompanhada do apego à hierarquia, forte devoção mariana e intensa atividade apostólica. Os hinos, os cânticos, mas sobretudo os fundamentos ou regras contribuía para a formação dessas milícias religiosas orientadas pelo espírito militar, regidas por estrita disciplina obtida e mantida pelos exercícios espirituais.

Tais práticas marcaram profundamente a personalidade e os valores introjetados por Veiga dos Santos e o encaminharam para o campo da política e da vida associativa. A formação recebida permitiu-lhe também iniciar-se nas letras e no jornalismo com a colaboração nos jornais locais *A Bomba* (manuscrito) e *A Federação*, editado pela paróquia de Nossa Senhora da Candelária. Também planejou a fundação de um jornalzinho, *A Cítara*, da qual era colaborador assíduo.

Em 1917, ano da greve geral de trabalhadores em São Paulo e da Revolução Socialista na Rússia, divulgaram-se as aparições da Virgem Maria aos pastores de Fátima (Portugal), com suas profecias e segredos a reavivar a fé diante da perspectiva do apocalipse, alimentada pela longa e sangrenta Guerra Mundial. Em meio a tais convulsões, aconteceu com a transferência do Colégio São Luís para a capital do

Estado, em busca de mais alunos, como de fato se deu com sua instalação na Avenida Paulista, em meio aos casarões e palacetes dos barões do café, então no auge de sua pujança econômica, política, social e cultural. Abriam-se para os jesuítas novas possibilidades de manutenção da obra educadora, ameaçada pela escassez de alunos matriculados em Itu.

Desestruturou-se com isso a vida da família Veiga dos Santos na cidade de Itumbina, mas o jovem Arlindo conseguiu ainda concluir os estudos no Ginásio Nossa Senhora do Carmo, dos padres carmelitas. A mudança para a capital do Estado foi decisiva para sua formação e inserção nos meios associativos católicos. Matriculou-se em 1922, aos vinte anos de idade, na Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo e obteve quatro anos depois o grau de bacharel. Ali ocorreu a adesão a valores e projetos do catolicismo antiliberal, ultramontano, combativo, além da constituição de sociabilidades decisivas para a atuação política que se seguiria. Nesta Faculdade, que atuou de modo destacado na formação da intelectualidade católica durante a Primeira República, teve início um movimento de recuperação e atualização da filosofia de Santo Tomás de Aquino, iniciada por Leão XIII com a encíclica *Aeterni Patris* (1879), como resposta ao "mundo moderno". A ele o neotomismo opunha uma visão do mundo considerada satisfatória para fundamentar uma proposta política alternativa ao liberalismo, ao anarquismo, ao socialismo e ao comunismo. O retorno à filosofia tomista significou uma resposta aos problemas enfrentados pelo catolicismo no final do século XIX: a origem e a legitimidade do poder, a melhor forma de governo, as relações entre Igreja e Estado, o estatuto do trabalho.

Formado nos princípios do *Ora et labora*, é pouco provável que Veiga dos Santos se dispersasse madrugadas afora em discussões de bares. Certo é que estava integrado a essa sociabilidade fervilhante e nela se destacou ao defender proposta associativista capaz de superar o mero recreacionismo, ainda que este não pudesse ser abandonado como estratégia de atração e motivação, e até mesmo de única saída para sociabilidades urbanas, contrapartida da exclusão dos negros dos ambientes brancos. A cultura da festa, se já não era de cunho político, passava a apresentar esse formato para os militantes que desenvolviam uma luta pela afirmação dos negros e superação do preconceito. Entre os militantes mais engajados, não havia como esquecer suas origens que remontavam ao cativo, nem deixar de considerar a situação dos que ainda conservavam memórias vivas dos tempos da escravidão e enfrentavam desemprego,

analfabetismo, péssimas condições de moradia, concorrência com o trabalhador imigrante, preconceito explícito e declarado.

A trajetória de Arlindo na sua juventude foi marcada por essa intensa militância, contrapartida da inserção educacional e social que conseguira no mundo católico. Fazia parte da elite negra no sentido de sua escolarização diferenciada e de sua inserção cultural. Fotos dessa época mostram-no como um rapaz bem apessoado, com porte aprumado, elegante, transitando pelo centro da cidade em atividade panfletária. O traje era de importância capital por ser sinal de distinção. Andar bem trajado era sinônimo de adequação, de *savoir vivre*, abria portas não apenas no meio dos “brancos” mas entre os próprios negros estabelecia distinção. Sapatos engraxados, terno de brim, colete, camisa engomada, chapéu e bengala evidenciavam adequação e aceitação de um *habitus* originário da cultura dominante, indício de superação da exclusão.

Arlindo Veiga dos Santos atuava nos movimentos e associações negras tendo como referentes constantes o catolicismo e o nacionalismo. Sua primeira inserção em movimento organizado combativo de que se tem notícia ocorreu no Centro Cívico Palmares, fundado em 1926 com a finalidade de desenvolver uma obra educativa considerada necessária à melhoria das condições de vida dos negros na cidade de São Paulo. Surgiu como centro literário, mas partilhava com as tendências educacionais dominantes na época o otimismo pedagógico de transformação social como decorrência de nível de escolaridade mais elevado da população. Criar escolas, formar professores negros para educar a mocidade era uma sequência idealizada, que poderia retirar os meninos negros das ruas, ensinar-lhes as primeiras letras e encaminhá-los ao mundo do trabalho em melhores condições de competitividade em relação ao trabalhador imigrante, principalmente italiano.

Na sequência da desagregação do grupo palmarino em 1929, Veiga dos Santos e outros militantes reuniram-se para fundar a entidade que maior projeção alcançou no movimento negro brasileiro na época: a Frente Negra Brasileira. A reunião de fundação oficial, com a votação dos estatutos, ocorreu em 16 de setembro de 1931 na cidade de São Paulo, no Salão da Associação das Classes Laboriosas, próximo à Praça da Sé. O Salão em estilo *art déco* foi local de referência para o movimento operário pois nele se realizavam comícios, solenidades, teatro, festividades. Participaram também da fundação da Frente militantes já consagrados, entre eles Alberto Orlando, Francisco da Costa Santos, David Soares, Horácio Arruda, Vitor de Sousa, João Francisco de Araújo,

Alfredo Eugenio da Silva, Oscar de Barros Leite, Roque Antônio dos Santos, Gervásio de Moraes, Cantidio Alexandre, José Benedito Ferraz, Leopoldo de Oliveira, Jorge Rafael, Constantino Nóbrega, Lindolfo Claudino, Ari Cananéa da Silva, Messias Marques do Nascimento, Raul Joviano do Amaral e Justiniano Costa. José Correia Leite, que logo enveredaria pela dissidência por divergências quanto à orientação política e religiosa da Frente, também participou da fundação.

A participação de Veiga dos Santos na fundação e direção da Frente Negra Brasileira (1931-1934) desperta até hoje reações que vão da perplexidade à crítica feroz, à desqualificação e ao apagamento de sua memória. Para Clóvis Moura, por exemplo, essa militância indica um “intelectual negro dividido” entre os valores da negritude e os valores “brancos”, pois ao mesmo tempo em que fundou e dirigiu a Pátria-Nova, movimento monarquista inspirado nos mesmos princípios do catolicismo antiliberal, articulou um projeto de integração do negro à sociedade, cuja relevância Moura reconhece, com a ressalva de não se tratar de um projeto de negritude e sim de um projeto nacionalista que tinha entre seus objetivos superar o racismo, condensado no lema Deus, Pátria, Raça e Família (MOURA, 1994, p. 193). A questão é mais complexa do que esta análise sugere.

Os estatutos registrados em cinco de novembro de 1931 anunciavam no artigo primeiro que a Frente Negra Brasileira visava à “união política e social da Gente Negra Nacional, para afirmação dos direitos históricos da mesma, em virtude as sua atividade material e moral no passado e para reivindicação de seus direitos sociais e políticos, atuais, na Comunhão Brasileira”. A meta seria alcançada mediante “elevação moral, intelectual, artística, técnica, profissional e física; assistência, proteção e defesa social, jurídica e econômica e do trabalho da Gente Negra” (ESTATUTOS DA FRENTE NEGRA BRASILEIRA, 1931).

Em perspectiva integracionista, o projeto frentenegrino se propunha a desenvolver em âmbito nacional estratégias que resultassem em mudança da situação de seus filiados e dos demais negros na sociedade brasileira. A Frente seria a vanguarda desse movimento renovador. O ideal de Veiga dos Santos de formação do homem integralmente, em todos os aspectos de sua personalidade, transparece no valor atribuído às ações que viriam a ser desenvolvidas pela educação, pela prestação de serviços, pelas atividades culturais, pelo suporte jurídico aos seus associados. Foi na época hegemônico na entidade.

O projeto apostólico inaciano assimilado por Veiga dos Santos teve presença inegável nas atividades que ali foram desenvolvidas ,com grande ênfase na conduta moral de seus associados, no combate ao alcoolismo e à prostituição, além do incentivo ao trabalho. Para realizar sua proposta e diante do rápido crescimento do número de filiados, a Frente transferiu sua sede para um casarão situado na Rua da Liberdade, onde além da simbologia do nome do bairro, havia ali a memória da vida da população negra da cidade de São Paulo. O local era rota de fuga de escravos vindos dos baixos do Carmo e da várzea do Tamanduateí, na incipiente vila no período colonial. Ali fora construído o Cemitério dos Aflitos, onde escravos eram sepultados incógnitos. As igrejas de São Gonçalo e dos Remédios acolhiam escravos fugitivos. Na geografia da negritude, o local não distava muito dos territórios ocupados predominantemente pelos descendentes dos escravos, como as imediações da Sé, Santa Ifigênia, Largo do Rosário, Bexiga e Largo de São Gonçalo, que no início do século XX mantinham ainda porões e cortiços .

Os direitos sociais reivindicados pela Frente Negra podem ser identificados como trabalho, educação e igualdade de tratamento. O contexto era favorável a essas reivindicações que ultrapassavam a denúncia do preconceito existente no convívio social para insistir em seus resultados: miséria, segregação, desigualdade de oportunidades, haviam se agravado com a crise econômica de 1929-1930 .

Já os direitos políticos são claramente definidos no artigo 4.o dos estatutos, que previa a organização da Frente como “força política organizada” para pleitear “dentro da ordem legal *instituída no Brasil, os cargos eletivos de representação da Gente Negra Brasileira, efetivando a sua ação político-social em sentido rigorosamente brasileiro*”. Nesse sentido, a educação, especialmente a alfabetização, forneceria o passaporte ao título de eleitor que viabilizaria a participação política. Tal intento foi buscado com a candidatura malograda de Veiga dos Santos à Assembleia Constituinte em 1933, com apelos à participação dos frentenegrinos.

O projeto da Frente Negra tal como concebido por Arlindo, previa a instalação de uma estrutura de poder altamente verticalizada, na qual se percebe sua formação segundo os valores da Companhia de Jesus recebidos nos bancos escolares e nas congregações marianas. Ademais, seu grupo abria espaço para uma forte influência das irmandades católicas negras, a exemplo da Congregação dos Homens Pretos de Nossa Senhora do Rosário, cuja presença mais visível na vida da associação era a prática de

transcrições de artigos de jornais católicos em seu porta-voz, *A Voz da Raça*, fundado em 1933.

A estrutura de poder na Frente Negra traduzia a visão de Veiga dos Santos da autoridade e do seu exercício. Conforme os estatutos, a direção caberia a um “Grande Conselho”, soberano e responsável, constando de 20 membros, estabelecendo-se dentro dele o Chefe e o Secretário, sendo outros cargos necessários preenchidos a critério do Presidente.”

Resguardavam-se a autoridade máxima e representação da entidade para seu presidente. Não havia remuneração para o cargo, contrapartida da gratuidade dos serviços prestados aos associados pela entidade, que deveriam porém contribuir mensalmente para a manutenção da Frente. O recolhimento dessas contribuições seria feito pelos “cabos”, obrigados a minuciosa prestação de contas ao Conselho; ameaças aos faltosos nessa tarefa eram constantemente lembradas como a “rocha Tarpeia” que resultava em execração pública e mesmo em expulsão da entidade, como salientavam ironicamente seus opositores.

O projeto era ambicioso, como foram ambiciosos os projetos de Arlindo e surgiu para constituir uma vanguarda de luta dentro da ordem, para obter mudanças graduais de fundo capazes de produzir uma reviravolta, ou seja, uma revolução dentro da ordem. Também tinha pretensão de estender-se pelo território brasileiro, o que de fato foi alcançado, com a filiação de milhares de associados e a fundação de núcleos pelo interior do Estado de São Paulo e em outros Estados do território nacional. A admiração pelo fascismo italiano e os aplausos ao governo Vargas marcaram a vida da entidade no período da gestão de Veiga dos Santos, afinal suplantado por um grupo de inspiração socialista que assumiu o controle da entidade em 1934 e a dirigiu para a transformação em partido político em 1936, até seu fechamento compulsório pelo Estado Novo em 1937.

Referências

ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru: EDUSC, 1998.

BARBOSA, Marcio. *Frente Negra Brasileira – depoimentos*. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

ESTATUTOS DA FRENTE NEGRA BRASILEIRA. São Paulo, 1931(folheto).

FERREIRA, Maria Cláudia Cardoso. Espaços de sociabilidade e ações antirracismo no cotidiano das elites negras na cidade de São Paulo: Busca por projeção individual e legitimidade de grupo (1900-1940). *Mosaico*. Rio de Janeiro, PPHPBC/ FGV, n.3, ano II, 07/07/2010, p.1 e 2, acesso 06/02/2011.

GOMES, Flávio. *Negros e política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2005.
GUIMARÃES, Cristiane. A cartilha dos jesuítas. *Campo & Cidade*, Itu, n. 52, dez/jan. 2008, p. 30-34.

LEITE, José Correia. ... *E disse o velho militante José Correia Leite*. Organização e textos de Luiz Silva (Cuti). São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

MOURA, Clóvis. *Dialética radical do negro*. São Paulo: Editora Anita, 1994.

PEREIRA, Viviane e MORENO, Montserrat. *Colégio São Luís 140 anos: a educação e os jesuítas no Brasil*. São Paulo: Tempo & Memória, 2007.

PINTO, Regina Pahim. A Frente Negra Brasileira. *Cultura Vozes*, n. 4, jul./agosto 1996, pp 45-59.

PINTO, Regina Pahim. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Tese de doutorado, FFLCH/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia/USP, 1993.